

Ações eleitorais

• Votos podem ser tão voláteis quanto capitais. Por enquanto, há pouca chance de a crise das bolsas alterar o quadro, mas ela vai mudar o eixo da campanha e botar novos personagens em cena. Com cuidado para não dizer que, graças a Deus, as bolsas caíram, Luiz Inácio da Silva vai bater na política econômica que, para ele, deixou o país vulnerável às turbulências externas. Fernando Henrique prepara reação à altura: ruim comigo, pior com ele.

Em 48 horas, dirigentes das duas campanhas promoveram discussões internas sobre os efeitos da crise financeira que bate às portas do Brasil e revisaram estratégias. Eles concluíram que, a 40 dias da eleição, o furacão das bolsas pode nortear o discurso da reta final — tanto pelo que pode acontecer como pelo que não pode acontecer.

Para o pessoal de Lula, é uma chance, ainda que remota, de tentar virar o jogo. É bem verdade que há muito o candidato do PT vem batendo na tecla da vulnerabilidade da economia e da dependência excessiva em relação ao capital especulativo. Agora, esse discurso vai para o horário eleitoral na televisão, agravando-se ou não a situação.

O desafio do petista, porém, é não dar a impressão de que está satisfeito com a ameaça de uma crise que pode acabar penalizando toda a população. Seria a mesma besteira que festejar o aumento do desemprego. Ainda que, internamente, a avaliação no PT seja de que um agravamento da crise financeira facilitaria a realização do segundo turno — tudo com o que sonha o petista.

Outra fragilidade de Lula é que, por mais que critique a dependência da atual política econômica do capital externo e defenda estabilidade com desenvolvimento, o candidato do PT não tem soluções a apresentar no caso da crise financeira. Várias vezes, perguntado sobre o que faria diante de um ataque especulativo e sobre seus planos em relação a política financeira, juros, câmbio etc, desconversou. Chegou a dizer que, eleito, só assumirá em janeiro, sendo o problema, por enquanto, do atual Governo. O que dá a impressão de que, até lá, é deixar explodir...

A crise financeira é um prato cheio para todos os candidatos de oposição, incluindo o ex-ministro da Fazenda Ciro Gomes. Até o verde Alfredo Sirkis defendeu, no horário eleitoral gratuito, uma aliança entre os países contra o capital especulativo. Proposta, aliás, muito parecida com a que o próprio Fernando Henrique enunciou em quase todos os encontros de chefes de Estado de que participou, pregando a criação de mecanismos internacionais para conter a fuga dos capitais voláteis.

Mas é no ponto fraco de Lula — a ausência de proposta concreta para lidar com a crise — que está a munição para o contra-ataque de Fernando Henrique. O comando da campanha vai esperar o desenrolar dos acontecimentos — vai ver como abrem hoje as bolsas — e a

intensidade do bombardeio oposicionista para dar o tom da reação. Mas já se admite, no Planalto e no comitê do Setor Comercial Norte, que não dá mais para passar pela crise mundial como se nada estivesse acontecendo, tática adotada até sexta-feira passada.

A estratégia de FH tem dois pilares principais. O primeiro é repetir à exaustão que o Brasil não é a bola da vez, que tem mais de R\$ 70 bilhões em reservas e que não sucumbirá a nenhum ataque especulativo a curto ou médio prazos. Essa argumentação virá contextualizada com explicações de que a origem da crise é externa e que não foi o Governo que inventou seus desdobramentos mais incômodos, como o desemprego e os juros altos. Esse discurso tranquilizador deve ser veiculado de todas as formas possíveis, inclusive no horário eleitoral.

O outro ponto de sustentação do discurso governista leva uma pitada da chamada "teoria do caos", aquela que andou arquivada mas pode ser ressuscitada se a situação assim o exigir. É um remédio para ser usado caso a situação financeira se agrave: passar ao eleitor a idéia de que só Fernando Henrique será capaz de segurar a crise e tirar o país da tormenta, sem inflação e sem risco à estabilidade.

Quem aposta nesse efeito lembra de outubro passado, quando, no auge da crise da Ásia, pressionado pela opinião pública, o Congresso não só engoliu um amargo pacote fiscal como retomou a votação de reformas que estavam enterradas. Boa parte dos coordenadores e conselheiros de campanha que se reuniram ontem no Alvorada acha que FH cresce ainda mais como comandante do barco na crise.

Essa estratégia, contudo, não tira do caminho algumas apreensões. Uma delas é a de que, se antes era importante, agora se tornou vital ganhar no primeiro turno. Há noção clara de que é possível monitorar a situação da economia sem novas medidas por 40 dias. Nenhuma certeza de que se terá condições de fazer isso até 25 de outubro.

A dificuldade maior, porém, vai ser compatibilizar o necessário discurso do crescimento e dos investimentos sociais, aquele que dá votos, com o do ajuste fiscal e da contenção da economia, que é o que precisavam ouvir os investidores externos. Parece que, a essa altura dos acontecimentos, o FH presidente e o FH candidato, que até agora se deram tão bem, vão começar a trocar coiteladas.